

dois

Lembrança de 2 amigos

ANIBAL MACHADO ²⁰⁷ conta-
va que, algum tempo depois de
casado, se viu desempregado e
sem dinheiro no Rio. Desempregado,
sem dinheiro e com várias
filhas meninas. O português, dono
da casa em que ele morava, ti-
nha um ar feroz, mas era a flor
dos senhorios: esperava meses e
meses que "seu doutoires" pudesse
dar alguma coisa por conta dos
atrasados. Mas nem todo crêdor
era assim, e alguns vinham todo
dia bater à porta, enchendo de
angústia o escritor.

"O que me salvou foi a praia"
— disse Aníbat.

Metia um calção de banho e ia
para a areia. Lá respirava feliz
diante do mar. Um dia viu um
credor que andava de um lado pa-
ra outro na calçada. Fez que não
vira — e caiu nágua. O homem
foi-se embora...

Se o Rio de Janeiro não tives-
se mar, seria a Capital da angus-
tia. Vivi aqui dias tristes, som

brios, em que faltava não ape-
nas dinheiro como liberdade. Era
perigoso visitar um amigo ou re-
ceber uma visita; conversar num
bar ou café, ainda mais. Só havia
um território livre, democrático,
limpo, onde a gente podia se en-
contrar: a praia. Com o vento do
mar e o sol que brilha para to-
dos. E as ondas recitando Baudé-
laire; ~~libre, toujours;~~ tu
cheriras la mer..

Os problemas do Brasil, as mes-
quinhas de nossa vida pública,
a miséria fundamental de nosso
povo, todas essas coisas, que de
repente cansam e desanimam uma
pessoa sensível. Evandro Pequeno
encontrou uma solução: "eu sou
um suco em trânsito".

Não saber de nada, não enten-
der uma palavra do que estão di-
zendo e escrevendo por aí, não
ter nada, não ter vergonha de na-
da: ser um suco em trânsito...

E, se possível como o bom Evan-
dro fazia, tocar fagote.

libre, toujours /

O saudoso

DN - 3.3.66

DN Ago 69